

Os povos querem paz e progresso, não guerra e desperdício | Carta semanal 24 (2025)



Goyen Chen, *Know Love, Know Peace. No Love, No Peace* [Conhecer a paz, conhecer a guerra. Sem amor, sem paz], 2022.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Nos dias 24 e 25 de junho, os membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) desfilarão pelas ruas de Haia para sua **cúpula** anual – a primeira desde o retorno de Donald Trump à presidência dos EUA e a primeira sob o comando do novo Secretário-Geral da Otan, Mark Rutte. Em 13 de março, Rutte visitou Trump no Salão Oval, onde **elogiou** o presidente estadunidense em diversas frentes, incluindo a guerra na Ucrânia. Rutte encerrou a reunião dizendo a Trump que estava ansioso para recebê-lo em Haia, sua “cidade natal”, e para “trabalhar juntos para garantir que [a cúpula da Otan] seja um esrondo, um verdadeiro sucesso, projetando o poder estadunidense no cenário mundial”.

A Otan conta com 32 **membros plenos**, sendo trinta países europeus e dois norte-americanos. Os Estados Unidos são apenas um, mas, como Rutte deixou claro em sua declaração, são quem dão as cartas na Otan que é apenas um veículo para a projeção do poder estadunidense. Não deve haver dúvidas sobre esse fato. É precisamente por essa razão que a ideia de os EUA saírem da Otan — como Trump ameaçou fazer se os europeus não aumentassem seus gastos militares — é irrelevante. A Otan é os Estados Unidos.

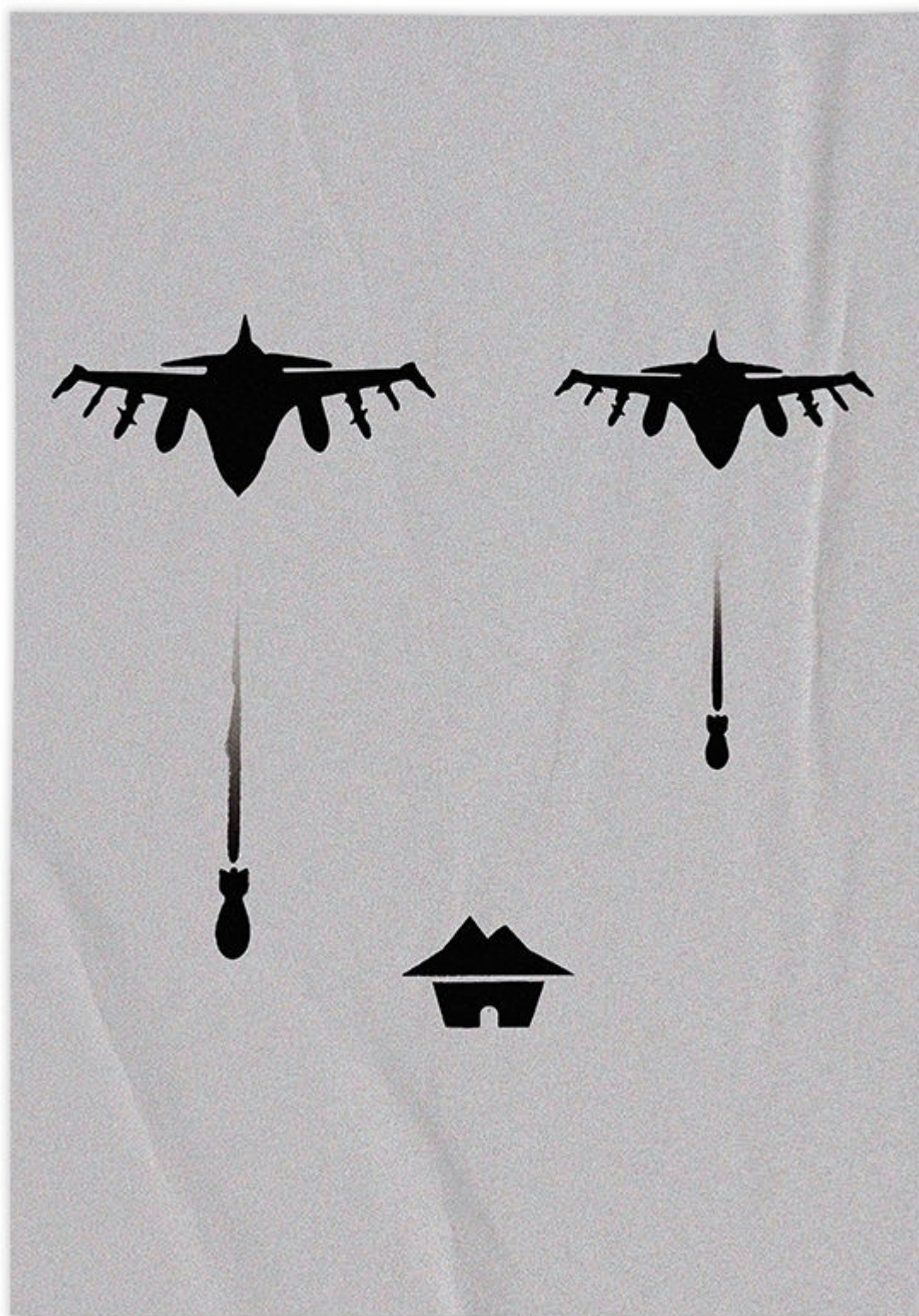


Tricontinental: Institute for Social Research, *Untitled*, 2025.

O Instituto Tricontinental de Pesquisa Social e o coletivo **Basta de Guerra Fria**, junto a nossos parceiros europeus do Fórum Zetkin de Pesquisa Social, assinam o dossiê de junho, *Otan: a organização mais perigosa da Terra*. O título é ousado, mas não exagerado. Ele reflete os fatos diante de nós. Desde a queda da União Soviética, a Otan conduziu algumas das guerras mais letais do planeta e agora nos ameaça com a possibilidade impensável de um conflito nuclear. O dossiê fornece amplas evidências disso. Aqui, destacamos dois dos atos mais flagrantes da aliança nas últimas décadas:

- Foi a Otan que desmembrou a Iugoslávia em 1999.
- Foi a Otan que destruiu o Estado líbio em 2011.

É um equívoco ver a Otan como um ator autônomo. A aliança militar, como Rutte afirmou tão eloquentemente, é um instrumento de “projeção do poder estadunidense no cenário mundial”. Desde o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos têm usado a Otan para incorporar a Europa Oriental, tornando-a um conjunto flexível de Estados subordinados a seus interesses. Quando a União Europeia expandiu para o leste e buscou construir instituições europeias autônomas, a Otan surgiu e garantiu que os Estados Unidos seriam o motor de qualquer expansão europeia. Poderíamos ser perdoados por termos esquecido o aviso que veio não do atual presidente russo, Vladimir Putin, mas de seu antecessor pró-EUA, Boris Yeltsin, que fez um **alerta** durante o bombardeio da Otan contra os sérvios da Bósnia em 1995: “este é o primeiro sinal do que poderia acontecer quando a Otan chegar perto das fronteiras da Federação Russa. (...) O jogo da guerra poderia explodir por toda a Europa”. Em 1990, a União Soviética concordou relutantemente com a reunificação da Alemanha e sua entrada na Otan, sob garantias de que a aliança não se expandiria para o leste (os EUA também usaram essa medida para “manter os alemães subjugados”, mantendo-os ancorados nas estruturas da aliança). Mas não houve acordo de que os EUA poderiam usar a Otan como instrumento para projetar poder até as fronteiras da Rússia. Tampouco havia qualquer mandato para que se fizesse presente em cenários distantes, como o Mar da China Meridional, para confrontar a República Popular da China, sob o pretexto de liberdade de navegação e estabilidade regional. A Otan — contra o interesse próprio de seus Estados-membros europeus — foi arrastada para confrontos contra a Rússia e a China, que se resumem inteiramente ao desejo dos EUA de **acorrentar** seus “rivals quase equivalentes”. Esses confrontos não têm nada a ver com a segurança europeia: nem a Rússia nem a China ameaçaram o continente, com a Rússia reiterando repetidamente que sua guerra na Ucrânia tem tudo a ver com ameaças em suas fronteiras e a China enfatizando que é uma potência defensiva sem intenções ofensivas em relação à Europa.



Goyen Chen, *Guerra apenas traz dor*, 2022.

Antes de Donald Trump assumir o cargo em dezembro de 2024, sua equipe de transição informou às autoridades europeias que o presidente eleito solicitaria aos Estados-membros da Otan que aumentassem seus gastos militares para 5% do Produto Interno Bruto (PIB), em comparação com a meta anterior de 2%. A maioria dos Estados não conseguiria cumprir esse aumento drástico sem cortes profundos em seus gastos

sociais (no final de 2024, a Polônia era o único Estado-membro que **gastava** mais de 4% do PIB com suas forças armadas — 4,12% para ser exato — enquanto os Estados Unidos gastavam oficialmente 3,38%). O embaixador dos EUA na Otan, Matthew Whitaker, **afirmou** que, embora essa demanda de 5% não tivesse um prazo final, “os Estados Unidos esperam que todos os aliados apresentem planos, orçamentos, cronogramas e resultados concretos para atingir a meta de 5% e fechar as lacunas de capacidade”.

Desde a fundação da Otan em 1949 — e mesmo durante a Guerra Fria — não havia um valor de referência estável para os gastos militares dos Estados-membros (como porcentagem do PIB). O **Acordo de Lisboa de 1952** sobre os níveis de força da Otan, que estabeleceu metas para o número de forças convencionais e de reserva, simplesmente não pôde ser cumprido devido às privações na Europa do pós-guerra. Na década de 1970, os membros da Otan tiveram que preencher um **Questionário de Planejamento de Defesa** para avaliar os esforços nacionais de gastos militares, mas nenhuma meta pôde ser definida. Durante a presidência de Ronald Reagan (1981-1989) — quando os EUA gastavam cerca de 6% do PIB em defesa — **questões** foram levantadas novamente sobre metas de nível de força e gastos com defesa, e houve apelos para que os Estados-membros europeus aumentassem sua participação para até 4% do PIB. No início da década de 1990, com o colapso da União Soviética, Washington temia que os membros da aliança cortassem seus orçamentos militares. Na Cúpula de 2002, em Praga, os líderes adotaram o **Compromisso de Capacidades de Praga**, que mais uma vez apelou à necessidade de modernizar as forças no contexto da Guerra ao Terror, mas nenhuma meta formal de gastos foi estabelecida.

Somente na Cúpula de Riga de 2006, quando a Otan **aprovou** oficialmente a meta de 2%, surgiu o primeiro parâmetro formal para gastos militares entre os Estados-membros. Embora a pressão tenha aumentado na Cúpula do País de Gales de 2014 para o cumprimento dessa meta até então não alcançada, ainda não havia entusiasmo real por ela. Trump pressionou bastante durante seu primeiro mandato, **sugerindo** que os EUA deixariam a Otan se os europeus não aumentassem seus gastos militares. Então, quando a Rússia invadiu a Ucrânia em 2022, a meta de 2% começou a ser vista — como **disse** o então Secretário-Geral da Otan, Jens Stoltenberg — “não como um teto, mas como o mínimo, um piso”. Antecipando a cúpula deste ano em Haia, o atual Secretário-Geral, Mark Rutte, **afirmou** que os Estados-membros devem “mudar para uma mentalidade de guerra e turbinar nossa produção e gastos com defesa”.



Othman Ghalimi, *Onde posso encontrar a paz*, 2022.

Vários institutos e plataformas de movimentos europeus já começaram a divulgar documentos de preparação para a próxima cúpula da Otan. Um deles é o **relatório anual** dos Institutos Alemães de Pesquisa sobre Paz e Conflitos (**Centro Internacional para Estudos de Conflitos de Bonn, Institut für Friedensforschung und Sicherheitspolitik, Institut für Entwicklung und Frieden e Leibniz Institut für Friedens-und**

Konfliktforschung), que argumenta que a Europa deve se preparar para uma Otan pós-EUA, aumentando seus próprios gastos militares e migrando para formas não letais de diplomacia, como controle de armas e medidas de construção da paz. Essa é uma abordagem possível para a crise da Otan, mas possui duas falhas principais: primeiro, interpreta mal o papel da Europa na Otan ao tratá-la como um parceiro igual, quando ela é, na verdade, um instrumento para a subordinação da Europa aos objetivos estratégicos dos EUA; e, segundo, mesmo que os Estados-membros da Europa aceitem aumentar seus gastos militares para 5% do PIB, eles simplesmente não têm condições de pôr isso em prática.

A **Revisão Estratégica de Defesa 2025** do governo britânico é basicamente uma receita para a falência. O Reino Unido simplesmente não tem recursos para construir uma nova “marinha híbrida” com “asas híbridas”, e fornecer moradia para a classe trabalhadora ou reformar seu sistema de saúde. É fácil escrever sobre uma abordagem “da sociedade como um todo”, mas é difícil encontrar o dinheiro para construir uma sociedade pressionada por tantas aflições. Por outro lado, o Sindicato Nacional dos Trabalhadores Ferroviários, Marítimos e de Transporte e a Campanha pelo Desarmamento Nuclear defendem, com razão, a “segurança humana e segurança comum”, como descrevem em sua **Revisão Alternativa de Defesa**. Eles argumentam que isso pode ser alcançado por meio de:

1. Priorizar a diplomacia, a cooperação global e a prevenção de conflitos.
2. Investir em saúde, educação, resiliência climática, assistência social e na criação de empregos bem remunerados, seguros, sindicalizados e socialmente úteis.
3. Reduzir significativamente os gastos militares.
4. Suspender imediatamente a exportação de armas para países envolvidos em conflitos ativos ou violações de direitos humanos (incluindo Israel e os Estados do Golfo).
5. Preparar e executar uma transição justa para trabalhadores e comunidades dependentes da defesa.

Estas são metas sensatas e alcançáveis em um mundo onde a maioria das pessoas deseja paz e progresso, não guerra e desperdício.

Cordialmente,

Vijay